



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOCTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
 (BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima

(13 de Junho de 1926)

AINDA não se tinham desvanecido de todo os ecos da grande peregrinação nacional de maio e já de novo o iman poderoso da Fé impulsiona dezenas de milhares de pessoas que em todos os pontos de Portugal se preparavam para a romagem piedosa de 13 de Junho á terra bemdita das aparições e dos prodigios, á Lourdes portugueza, á mysteriosa Fátima.

Effectivamente nesse dia, ás dez horas da manhã, um espectáculo inesperado assombra e encanta ao mesmo tempo todos aqueles que se aproximam despreocupadamente do local das aparições.

Sobre a estrada districtal, na longa extensão de alguns kilometros, e no vasto recinto formado pela Cova da Iria, uma multidão compacta circula com difficuldade reproduzindo no espirito a impressão inolvidavel das scenas empolgantes e incomparaveis da grandiosa peregrinação nacional.

Os vehiculos de toda a especie, que se alinham ao longo da estrada numa dupla fila e se accumulam nos terrenos adjacentes, orçam por centenas. E em dezenas de milhar se devem computar os romeiros que áquella hora enxameiam no local sagrado e nas suas immediações. Os benemritos servos de Nossa Senhora do Rosario labutam desde madrugada na faina penosa do transporte dos enfermos para o respectivo pavilhão. Alguns deles, coadjuvados pelos escoteiros catholicos de Leiria, mantem o serviço d'ordem junto dos santuarios e da fonte da agua miraculosa.

Pelo posto de verificações medicas passam todos os enfermos para receberem a competente senha de ingresso, antes de irem occupar o lugar que lhes é destinado.

No pavilhão dos doentes, as servas de Nossa Senhora do Rosario, — anjos de caridade em fórma humana, —

porfiam em solicitude e dedicação para levar um pouco de doce conforto a tantas almas ulceradas por maguas pungentes e minorar os soffrimentos de tantos corpos torturados pelos males que affligem a pobre humanidade.

Durante toda a manhã vários sacerdotes distribuiram a sagrada comunhão a milhares de fieis que previamente se tinham confessado nas suas terras.

De vez em quando ouve-se um cantico em honra de Jesus no seu sacramento de amôr, ou um hymno á Virgem do Rosario.

Aqui e acolá erguem-se estandartes de associações religiosas que reproduzem a imagem de Maria Santissima ou representam episodios das aparições.

Em torno da capella antiga, construida junto da azinheira sagrada, muitos peregrinos rezam em grupos ou isoladamente, outros aguardam pacientemente na longa fila a sua vez de beijar o pé Virginal da Rainha do Ceu, outros emfim cumprem promessas, dando volta de joelhos, uma e mais vezes, á capella. Junto da fonte aglomera-se tambem muito povo, que procura encher garrafas e outros recipientes com agua miraculosa. Muitos milhares de exemplares da «Voz da Fátima» são distribuidos gratuitamente pelos fieis.

Entretanto organisa-se a procissão para conduzir a veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosario, da capella das aparições para a capella das missas. A' sua entrada no recinto dos doentes agitam-se lenços, saltam-se vivas, batem-se palmas. Aquellas almas devotas, aquelles corações piedosos, numa explosão de enthusiasmo e amôr, saudam a Rainha do Céu e da terra, acclamam a gloriosa Padroeira da Nação. E os olhos de quasi todos os que presenciaram esta scena de incomparavel beleza e marejam-se involuntariamente de lagrimas.

Ao meio-dia solar principia a ultima missa, a missa dos doentes, e tudo decorre na fórma do costume. A multidão enorme, que assiste ao augusto sacrificio dos nossos altares, reza com fervor e implora-se o valimento da

Virgem, — Saude dos enfermos, — em beneficio de tanta desgraça e de tanta dôr. O silencio torna-se mais profundo e o recolhimento mais intenso.

Depois da missa dá-se a bênção com o Santissimo.

O Divino Rei de amôr, na hostia branca do ostensorio de prata, percorre as numerosas filas de doentes, visita-os e abençoa-os, um por um, alliviando-os nas suas côres, ou inspirando-lhes o conforto necessario para supportarem com paciencia e resignação a cruz que lhes foi imposta para com ella se santificarem.

Após a bênção geral, sóbe ao pulpito o rev. Ferreira de Lacerda, de Leiria, que fala durante um quarto de hora, com calor e enthusiasmo, das glorias da Santissima Virgem.

Organisa-se de novo a procissão para reconduzir a Imagem de Nossa Senhora para o seu santuario. Terminada a procissão, o povo começa a debandar, até que, pouco antes do sol posto, apenas se vê um ou outro peregrino desafogando a sua piedade defronte da capella das aparições e mal podendo apartar-se daquella estancia bemdita, que é verdadeiramente uma ante-camara do Céu.

V. de M.

As curas de Fátima

Rev.º Sr.

Na intenção de proclamar o nome tão glorioso da Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima, permita-me V. no cumprimento de um sagrado dever, lhe peça o particular favor de se dignar publicar no jornalzinho de a *Voz da Fátima*, a milagrosa cura de umas pontadas interiores de que eu ha mais de 8 anos vinha soffrendo e me davam tão máu viver e causavam tão mal estar, que em certas occasiões me impossibilitavam de tomar a respiração.

Não podia descansar as noites nem virar-me para qualquer dos lados, que era um soffimento insupportavel.

Não obedecia a fricções, nem a tinturas, nem a medicamento nenhum. Vendo-me assim tão triste e cheia de

dôres e impossibilitada de fazer as voltas de minha casa, que havia de eu fazer? Implorei da Santíssima Virgem do Rosário da Fátima o remédio para este meu sofrimento. Pedi-lhe com tanta fé e devoção que hoje me encontro completamente curada. E assim fiquei convencida de que só a Virgem Nossa Senhora tem remédio para todas as doenças.

Muito lhe agradeço o favor da publicação no jornalzinho, e cheia de reconhecimento e fé para com a Virgem Nossa Senhora, me subscrevo com toda a consideração, etc.

Olinda da Conceição

Rua de Vilar, Quinta de Jesus, 5 — Porto.

Antonio Maria Gaitero, de A Dos Francos, corcelho das Caldas da Rainha, havia 27 annos, que sofria de grandes feridas em uma perna, desde os artelhos até ao joelho. Durante alguns annos foi tratado pelo Sr. Dr. Alberto, de Bombarral, dizendo este que não morreria do terrível sofrimento mas que não seria possível cural-o. O mesmo disseram outros médicos afirmando também que, se as feridas tapassem, voltariam a rebentar pelo mesmo ou por outro lado.

Não tirando resultado dos medicamentos e tendo ouvido falar das curas realizadas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, pensei em lá ir pedir á Santíssima Virgem que aliviasse as minhas dôres e afastasse as muitas lagrimas da minha casa porque não podia trabalhar e tinha uma casa de filhinhos pequenos.

Desde que comecei a lavar as feridas com agua da Fátima fui melhorando e dentro de poucos dias estava curado.

Faz dois annos em outubro que entrou a alegria em minha casa pois que curei completamente não voltando a sentir o mais ligeiro incomodo, o que venho agradecer á Santíssima Virgem, pedindo também a publicação d'esta graça.

«Covilhã, 29 de Abril de 1926.

Rev.^{mo} Sr.

Eu, Augusto Gomes Pereira Paiva, natural de Penalva d'Alva, e hoje residente em Covilhã, na freguesia da Conceição, quero tornar conhecida a graça que a Virgem Santíssima do Rosário de Fátima, concedeu á minha irmã Libania Pereira, pela sua cura milagrosa.

Desde 1920, que tem sofrido horrivelmente do estomago.

Residindo nessa data em Penalva d'Alva, foi tratada em Oliveira do Hospital, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Mendes Costa.

Em Novembro de 1922, reconheceu que tinha ulcera no estomago, e disse-lhe que tinha que ir a Lisboa para ser operada; e em fins de Dezembro do mesmo ano, deu entrada no hospital de S. José.

Lá, aos cuidados do Ex.^{mos} Srs. Drs. Craveiro Lopes e Luiz Serra, foi ao raio X, que realmente certificou que existia a ulcera.

Os Ex.^{mos} Srs. Drs. Craveiro Lo-

pes e Luiz Serra disseram-lhe que a ulcera estava atrazada, e que podia evitar ser operada, uzando d'uma certa dieta, e em Janeiro de 1923, regressou do Hospital e com todo o cuidado uzou da dita dieta, sem poder comer sequer o mais leve alimento de que a gente fizesse uzo.

Com o maximo cuidado, com a dieta, sentiu algumas melhoras, e em Outubro de 1925 tornaram-lhe de novo as dôres horríveis no estomago, dizia ela, como nunca.

Nesse mez foi ahi a Fátima uma criatura nossa amiga, e tendo trazido a agua milagrosa de N. Senhora de Fátima, ofereceu-lhe uma pinga, que bebeu, fazendo algumas orações a Nossa Senhora, e pedindo-lhe que ela fôsse sua enfermeira e a sua agua o remédio da sua cura; e desde então, as dôres desapareceram-lhe por completo.

Já há mais de cinco annos, que não tinhamos a satisfação de a ver sentada á meza connosco e, apoz a agua bebida, começou a comer do que nós comemos, sem que nada lhe faça mal.

No proximo dia 13 de Maio (1926) irá a Fátima, agradecer á Virgem Santíssima do Rosário, a sua milagrosa cura.

De V. etc.

Augusto M. O. Pereira

Fabrica Fase — Poldras — Covilhã

Rev.^{mo} Sr.

Permita-me V. que venha hoje cumprir um dever sagrado, pedindo se digne inserir no jornalzinho *Voz da Fátima* o relato da cura milagrosa que a Santíssima Virgem se dignou fazer-me a mim, Eugénia da Conceição, moradora na rua Direita de Pedrouços n.º 102. 2.º.

Andando doente duma perna havia sete annos, muitos médicos diziam que não tinha cura. Iado a outro médico declarou-me este ser uma ulcera das peores e que não tinha cura. Deitava máu cheiro e uma agua verde e tinha um grande buraco. Metia dô e respeito aos que a viam e todos diziam que não tinha cura. Tinha muitas dôres e nem podia andar. Estava de cama, chorava e não podia dormir. Já não podia saber o que havia de fazer á minha vida.

Desde o dia 24 de Novembro comecei a tratar-me com a agua e terra de Nossa Senhora do Rosário da Fátima e encontro-me agora completamente curada.

Fez o tratamento a menina Julia Marques Morgado.

Rev.^{mo} Senhor

Para honra e gloria da Santíssima Virgem sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, levo ao conhecimento de V. o seguinte facto:

Um filho meu, Orlando Antonio de Vsconcelos, começou desde setembro do anno findo, a sofrer dum eczema que lhe tomou toda a face e parte do corpo, agravando-se cada vez mais. Não houve medicamento algum que se não experimentasse, obtendo-se sempre os peores resultados. Em Maio d'este anno, indo duas pessoas de

familia em peregrinação a Fátima, trouxeram um pouco de agua, dessa agua que tantas curas tem operado.

Principiei a lavar o meu filhinho com ela e passados dias estava completamente são e nem vestigios tinha das muitas feridas causadas pelo eczema.

E, caso singular, no mês de Maio foi que o meu filho esteve peor, não tendo eu esperança alguma que melhorasse, e, foi n'esse mês, o mês da Santíssima Virgem por excelencia, que Ella se dignou livrar o meu filho dum sofrimento tam horroroso.

Graças pois á Santíssima Virgem!

Mesquinhata, 11 de Novembro de 1925.

Carlota Augusta da Conceição

Confirmo plenamente tudo o que fica exposto, pois que tudo presenciei, e, se entender que deve ser publicado, fica autorizado a isso.

Freguesia de Mesquinhata, da Diocese do Porto, 11 de Novembro de 1925.

O pároco — *Antonio S. Monteiro*

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.	4:277:000
D. Lucinda Vieira Mósca.	8:000
Manuel Gabriel	5:000
Um Sacerdote de Leiria	50:000
José Augusto Pires dos Santos	15:600
Soma	4:355:600

Sê honrado

Um dia Santa Veronica Giuliani, quando menina de dois annos, foi conduzida por uma creada á loja de um negociante que usava pesos falsos.

De repente, a creança illuminada sobrenaturalmente, diz-lhe estas palavras: *Sê honrado. Olha que Deus vê-te.*

Chamam o médico

Fazem bem em chama-lo, se tem em casa alguma pessoa doente.

Mas porque não chamam também o padre? Se o corpo precisa de remédios, também a alma tem necessidade d'elles e pôde bem succeder que mais os precise a alma que o corpo.

Sem remédios o corpo estará talvez em risco de perdêr a vida temporal.

Mas a alma é bem possível que sem elles cáia na morte eterna.

Manual do Peregrino da Fátima

Desde 13 de Maio ultimo encontra-se á venda nesta redacção, na Fátima e outras partes, o *Manual do Peregrino da Fátima* pelo preço de 3:500 réis (fóra o porte do correio).

ARQUIVANDO

Continuamos nesta secção a publicar o que os jornaes disseram por occasião das conhecidas Aparições. De «O Dia» de 19 de Outubro de 1917:

Impressões de Fátima

Despovoaram-se os logares, as aldeias, as cidades proximas.

Pelas estradas, já nas vespéras, seguiam grupos de romeiros a caminho de Fátima.

Pescadoras da Vieira deixaram as casas de madeira negra assentes sobre o mar, as lides da arrumação da pescaria.

Pelos pinhais, onde as camarinhas parecem gôtas de orvalho na verdura, pelos areais onde giram as velas dos moinhos, vieram a pé, os coturnos de lã nas pernas musculosas, saias de agazalho sôbre as costas, á cabeça o sacco com o farnel, no passo meudo e meneado que lhes fazia voltar a rodaria das saias e agitar os lenços alaranjados onde assentavam os chapéus pretos. Operários da Marinha, lavradores de Monte Real, das Córtes, dos Marrazes, serranas de longe — das serras do Soubio, de Minde, do Lourical, gentes de toda a parte onde chegasse a voz do milagre, deixavam as casas e os campos e vinham por ali fóra a cavallo, de carro, ou a pé, cruzando as estradas, atravessando montes e pinhais de longada pelos caminhos que durante dois dias se animaram do rodar dos carros, do chouto dos jumentos, do vozear dos grupos dos romeiros. O outomno avermelhava as vindimadas. O vento do nordeste, frio e cortante, annunciando o inverno, fazia tremor os choupos transparentes das bordas dos rios, que desmaiavam saúdosos do sol, em tons amarelos de rendas antigas. Nos areais giravam as velas brancas dos moinhos. Nos pinhais curvavam-se ao vento os cimos verdes dos pinheiros. As nuvens iam cobrindo o céu. Amontoava-se o nevoeiro em blocos leves e macios. O mar, na vastidão da praia da Vieira espumava, bramia, enrolava-se em ondas altas e pelos campos ia-se ouvindo num clamor sinistro, a sua voz! Toda a noite, toda a madrugada choveu uma chuva miudinha, persistente que encharcava os campos, que entristecia a terra, que ia trespassando até aos ossos, de uma humidade fria, as mulheres, as creanças, os homens e os animais que cruzam as estradas lamacentas no caminho apressado para a Serra do Milagre. A chuva caía, caía, macia e teimosa. As saias d'estamalha e riscadilho pingavam, pezavam como chumbo nas fitas das cinturas. Os barretes e os chapéus largos escorriam água sôbre as jaquetas novas dos fatos de vêr a Deus. Os pés descalços das mulheres, as botas ferradas dos homens, chapinhavam nas poças largas do lodaçal das estradas. Mas a chuva parecia que não molhava, parecia que não sentiam a chuva. Caminhavam sempre subindo a serra iluminados

de fé, na ancia do milagre que Nossa Senhora prometera, no dia 13, pela uma hora, a hora do sol, ás almas simples e puras de 3 creanças que apascentavam gados!

Iam ficando para traz, perdidos na nevoa, esfumados na transparencia da chuva, pinheiros, choupos, carvalheiros, manchas vermelhas de vinhas, casais, campos lavrados de terra escura...

Os campos eram desertos, as casas eram fechadas! Havia um silencio estranho nos campos desertos, de gentes e de gados, havia um ar de espera e de emoção na attitude das coisas, das casas pobres como adormecidas no silencio, janelas e portas fechadas á luz! A serra era alta, mas parecia aos caminheiros que os não cançava a subida da serra! A serra era triste, cada vez mais triste, de pedras escalvadas e negras sem a alegria da verdura de uma arvore mas os caminheiros não sentiam a tortura impressionante e tragica da paisagem de dôr! A chuva começou a rarear. Era agora só um véu de nevoa muito leve que se ia desfazendo a pouco e pouco, e pouco a pouco a serra ia aclarando. Aproximava-se um murmurio que vinha descendo do monte. Murmurio que parecia a voz longinqua do mar, que se tinha calado no silencio dos campos... Eram canticos que se difiniam entoados por milhares de bôcas. No planalto da serra, cobrindo o monte, enchendo um val, via-se uma mancha enorme e movediça de milhares e milhares de creaturas de Deus, milhares e milhares d'almas em préce!

Mãos erguidas, olhos em extase, vinham na fé ardente da crença. Vinham pedir o milagre a Nossa Senhora, pedir a redempção dos pecados, pedir a benção para as amarguras da vida! A' uma hora da tarde, hora do Sol, parou a chuva. O ceu tinha um tom acinzentado de perola e uma claridade estranha iluminava a vastidão publica e tragica da paisagem triste, cada vez mais triste. O sol tinha como um véu de gaze transparente para que os olhos o pudessem olhar. O tom acinzentado de madreperola transformava-se como numa chapa de prata luzidia que se ia rompendo até que as nuvens se rasgaram e o sol prateado, envolvido na mesma leveza cinzenta de gaze, viu-se rodar, e girar em volta do circulo das nuvens afastadas! Foi um grito só em todas as bôcas, caíram de joelhos na terra encharcada as milhares e milhares de creaturas de Deus que a fé levantava até ao Ceu!

A luz azulava-se num azul exquisito, como se viesse atravez dos vitrais de uma catedral imensa, espalhar-se naquela nave gigantesca ogivada pelas mãos que se ergueram no ar... O azul extinguiu-se lentamente para a luz, parecer coada por vitrais amarelos. Manchas amarelas caíam agora sôbre as caras, sôbre os lenços brancos, sôbre as saias escuras e pobres das estamanhas. Eram manchas que se repetiam indefinidamente sôbre as azinheiras rasteiras, sôbre as pedras e sôbre a serra. Tudo chorava, tudo rezava de chapéu

na mão, na impressão grandiosa e unica do milagre esperado!

Fôram segundos, fôram instantes que pareceram horas, tão vividos fôram!

Passaram nuvens sôbre a claridade vaga e cinzenta que velava o sol!

As almas em préce, que tiveram por instantes a vida suspensa á vida, voltaram. Esfarraparam-se as nuvens, apareceram bocados azuis do céu. O sol, na serenidade impassivel de todo o sempre, iluminou vagamente a serra escalvada onde Nossa Senhora fez juntar pela bôca de três creanças que apascentavam gados, milhares e milhares de creaturas de Deus!

Missa nova

Os peregrinos da Fátima vão ter hoje o prazer espiritual de assistir, ás 10 horas (antes da Missa dos doentes), á primeira Missa do Rev. Dr. José Galamba d'Oliveira, em quem a diocese de Leiria deposita grandes esperanças pela sua intelligencia, orientação e piedade.

E' chefe d'um grupo de «scouts» desta cidade de cujo seminário vai ser nomeado professor de Theologia.

Que Nossa Senhora, sob cujos auspicios elle começa a sua vida sacerdotal, torne muito fecundo o seu apostolado.

A Psicologia das Conversões

Felix Lezeur, o medico racionalista e descrente que teve a felicidade incomparavel de ter como esposa Elizabeth Lezeur, um dos mais admiraveis espiritos femeninos de todos os tempos, na introdução a a um dos varios volumes, que foram a herança espiritual da sua companheira, descreve a sua conversão ao catolicismo até á sua entrada num convento de dominicanos.

Já então Izabel Lezeur dormia o sono da bemaventurança quando se operou esta ascensão daquele espirito rebelde para a Verdade da doutrina de Cristo, a suprema ambição da esposa dedicada e cristã que tudo sacrificára para esse fim.

Por isso as palavras do antigo racionalista tem uma autoridade muito especial para que as arquivemos e meditemos:

«A maior parte dos nossos contemporaneos, mesmo as pessoas de de certa cultura, recusam-se a admitir e a constatar a intervenção de Deus nos fenomenos de conversão e, ainda mais, nos casos de vocação religiosa. Para tais espiritos tudo se resume no fundo, a intrigas, manobras, dominio de vontades mais fortes sobre vontades mais fracas.

Para muitos, semelhantes evoluções d'alma são simples resultados de propaganda clerical, de accção de frades e freiras. E' que muitas pessoas da élite da burguesia francesa ainda leem pelos *Hommes noirs* de Béranger ou pelo *Rodin* de Eugène Sue.

Ora precisamente, no que me diz respeito, todo o meu trabalho d'alma se operou ao abrigo de qual-

quer influencia exterior. Não conhecia um unico padre nem um unico religioso. Depois da morte de Isabel continuei a viver entre almas hostis ou indifferentes, não somente ás ideias religiosas, mas até mesmo ás simples ideias espiritualistas. E foi precisamente nesta atmosfera de ateísmo pratico que a voz divina ecoou dentro de mim e que a luz de Cristo me illuminou.

Ninguém me podia suggestionar nem guiar. As proprias circunstancias me tinham levado a encontrar-me sózinho, em pleno deserto racionalista, todo cheio da minha impiedade. E quando, depois de ter subido a sós a longa encosta mística, fui procurar o religioso que se tornou depois meu director e que nem sequer eu conhecia, já a minha transformação se tinha operado. E nesse momento era eu que procurava, por uma vontade reflectida, os conselhos de que necessitava.

Desejo igualmente aqui fazer uma outra constatação não menos importante:— O lado intelectual que representa, e sempre representára, um papel consideravel, quasi exclusivo mesmo, em todas as manifestações do meu espirito, não teve a mais insignificante e minima influencia na transformação da minha alma.

Nunca me deixei dominar nem pelo estudo, nem pela leitura, nem pela exegese, nem pela apologetica, nem por conhecimentos teologicos em que era, aliaz, absolutamente ignorante. Já o disse e repito: nessa época o meu espirito estava inteiramente impregnado de exegese racionalista, radicalmente hostile ao catholicismo. O que prova que o aspecto intelectual foi tão nulo na minha conversão como o foi a influencia externa.

Devo a minha conversão a uma força estranha, superior, dominadora e sobrehumana, tão misteriosa e irresistivel que não pôde comprehender-se senão depois de a termos sentido e para a qual só ha uma unica palavra que a possa traduzir — a Graça.

Por isso pensei que não seria inutil contar a minha historia para que ela pudesse servir tambem de testemunho á verdade daquelas palavras de S. Paulo que o mundo não quer aceitar — Só Deus converte.»

Muito tarde!...

Duas senhoras, irmãs, possuidoras duma fabulosa fortuna, sem herdeiros necessarios, applicavam os seus rendimentos em obras de caridade.

— Vamos, na vida, fazendo o bem que pudermos aos pobres, diziam.

E faziam-no. Na cidade e seus arredores nenhuma familia carecida deixava de receber largas esmolas. E a Igreja parochial, o seminário e o hospital tambem eram contemplados.

— Abençoadas senhoras! exclamavam todos.

Abençoadas sim; mas não sabiam que emquanto ellas distribuiam esmolas e livravam de morrer á fome os infelizes, outros lhes procuravam perverter, os espiritos; mas ignoravam

que todas as manhãs uma alluviação de maus jornaes arrastava, pagani-sava o pobre povo e o tornava instrumento apto para todos os crimes e attentados.

Um dia rebentou a perseguição religiosa; o povo, seduzido pelos agitadores, sahiu para a rua, e cometeu toda a sorte de desacatos. As auctoridades foram impotentes para conter a onda. O clero teve de se esconder; as casas religiosas fecharam-se; os religiosos tiveram de ir pedir azylo a terras extranhas. Nada se respeitou, nem as caridosas senhoras. Fôram insultadas pela população, e as suas propriedades invadidas e taladas.

— O que conseguimos com as nossas esmolas? diziam entristecidas. Pensámos em matar a fome a tanta gente, cuidámos dos seus corpos, e esquecemos as suas almas. Emquanto lhes forneciamos pão para o seu corpo, deviamos ministrarlhes tambem boas leituras para o espirito. Toda a nossa caridade foi vencida pelo mau jornal. Errámos.

Pobres senhoras! Pensaram já tarde, quando o mal não tinha remedio.

Aos afortunados do mundo, que tem o espirito de fazer bem, diremos hoje:

«Continue a não esquecer as vossas obras de caridade mas não esquecaes tambem a imprensa verdadeiramente catholica, sobre tudo a diaria. Assignae-a, auxiliae-a com o vosso dinheiro, as vossas noticias, os vossos annuncios, a vossa propaganda e, sobretudo, com o vosso carinho.»

Acampamento Nacional de "Scouts."

Nos dias 10, 11 e 12 d'agosto proximo, terá lugar junto á capela de S. Jorge, erecta no sitio onde esteve arvorada a bandeira nacional durante a batalha de Aljubarrota, o acampamento nacional de «scouts» vindos de varios pontos do paiz.

No dia 13 irão a Fátima, voltando a S. Jorge no mesmo dia para assistirem á inauguração da imagem do Beato Nuno de Santa Maria e mais cerimoniaes religiosas que serão presididas pelo sr. Bispo de Leiria.

No dia 16 irão a Alcobaça e a seguir á fabrica de cimentos de Maceira e de vidros da Marinha Grande, regressando por Leiria, no dia 18, onde passarão tambem á ida, no dia 9.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	47.590:600
Impressão do num. 45 (35.000 exemplares)	805:000
Expediente e outras despezas	160:000
Soma	48.555:600

Subscrição

(Outubro e Nov.º de 1925)

D. Maria Henriqueta Leal Sampaio, 10:000; D. Leonor d'Almeida Coutinho e Lemos, 20:000; D. Adelaide Braamcamp de Meilo Breiner, 10:000; D. Antonia Rosa

Brandão, 10:000; Paiva, Irmão & Comp., 50:000; Luiz de Figueiredo Lemos do Canto Corte Real, 10:000; madame Silva Dias, Dona L. F., 10:000; D. Maria Margarida de Faro — Nelas, 10:000; D. Afonso d'Albuquerque, 15:000; D. Maria da Gloria Pereira Furtado, 10:000; D. Maria do Patrocinio Lopes Sanches, 10:000; D. Anna Silva, 10:000; D. Maria José Corvelo, 10:000; Padre Alberto Pinto da Souza, 10:000; Domingos Fernandes Soutelo, 10:000; D. Amelia Ferreira Dias, 10:000; D. Arminda Maria Coelho, 10:000; D. Rosa Ferreira, 10:000; D. Amelia Gonçalves Ramada, 10:000; D. Leonor da Conceição Costa, 10:000; Luiz Empis, 10:000; D. Amelia Botelho, 10:000; D. Olympia da P. Pereira Coutinho, 10:000; D. Francisca Rosa de Jesus Canas, 10:000; D. Maria ds Barros Lima Salgado, 10:000; D. Candida Nunes Ribeiro, 10:000; D. Maria Seabra, 10:000; D. Julieta Alves Vedras, 10:000; D. Maria Domingues Pinto Coelho, 10:000; D. Maria Tereza Pinheiro Chagas, 10:000; D. Maria Eugenia Barreto, 10:000; D. Maria Isabel dos Santos Fonseca Jorge, 10:000; D. Eliza Penaforte Cardoso, 10:000; D. Leonor Manuel (Atalaya), 10:000; D. Anna da Conceição Neves, 10:000; D. Amelia Faria Leão, 10:000; D. Francisca dos Santos, 10:000; D. Maria da Conceição Maldonado Pereira, 10:000; Sebastião Marques, 10:000; D. Margarida Calado, 10:000; Duarte José d'Oliveira e Carmo, 10:000; D. Florinda Baptista, 10:000; Antonio Antão Carvalheiro, 10:000; D. Julia Padrão, 10:000; Padre Avelino Moutinho M. d'Assumpção, 10:000; D. Laura Ferreira, 10:000; D. Maria José de Jesus Pereira, 10:000; D. Maria Gonzaga d'Abreu Fonseca, 20:000; D. Maria da Gloria Albano Santos, 10:000; Julio Pinto, 10:000; D. Amelia Marques, 10:000; José Marques Junior, 10:000; Antonio Fernandes Reguengo, 10:000; Joaquim Ribeiro Faria, 10:000; D. Maria da Natividade Vieira, 12:000; Afonso Pereira Coutinho, 10:000; D. Emilia de Castro Frazão Castelo Branco, 10:000; D. Julia A Pilar, 10:000; Adolfo d'Oliveira, 10:000; D. Rita Costa, 10:000; D. Izilda do Carmo Leitão, 10:000; D. Maria da Assumpção Dias, 10:000; Dr. Jacinto Gago da Camara, 20:000; D. Maria Palmira Caldeira de Albuquerque, 10:000; D. Maria Luiza d'Azevedo Lobato e Napoles, 10:000; Joaquim Maria Soeiro de Brito, 10:000; D. Maria Paula Bentes, 10:000; D. Aurora Vaz Clemente Marques da Cruz, 10:000; D. Ema Falcão de Mendonça, 10:000; Artur da Silva Camarinha, 10:000; D. Maria Adelaide d'Oliveira Monteiro Barros Gomes, 10:000; D. Ema Afonso Pereira, 10:000; D. Maria Betina Basto, 10:000; D. Teolinda Maria do Nascimento Freitas, 20:000; D. Maria Benedicta Sequeira, 10:000; Padre José Silveira d'Avila, 12:500; Pedro de Lemos, 10:000; Manuel Aguiar, 10:000; D. Angelina Chaves, 16:000; D. Alzira Neves Costa, 13:000; Asdrubal d'Abreu Castelo Branco, 92:000; D. Felinda Maria da Silva, 10:000; D. Alice Garcia, 10:000; D. Maria José de Magalhães Barros, 10:000; D. Maria José Loureiro Rodrigues, 10:000; D. Maria das Dóres Fernandes Rêndeiro, 10:000; Manuel Ignacio de Souza, 10:000; Luciano Leandro Pires, 12:000; D. Margarida Madeira, 10:000; D. Guilhermina da Piedade Chaves, 10:000; Adriano José Faustino, 10:000; D. Carlota Augusta da Conceição, 10:000; Reinaldo Monteiro Basto, 10:000; Padre Ismael Augusto Guedes, 10:000; D. Maria Luiza d'Almeida, 12:000.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vos sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.